

# O LAZER COMO O PRINCÍPIO EDUCATIVO E OS TRABALHADORES DA COLHEITA MANUAL DE CANA

LIMA, Graziella Garcia <sup>1</sup>  
CHINALI, Luís Alfredo <sup>2</sup>

**Resumo:** Na perspectiva do trabalho alienado o lazer é a categoria estruturante da atividade ocorrida no tempo livre. Se a educação é concebida como devendo realizar um processo de humanização ela deverá ter, como recurso privilegiado, sob esta perspectiva, o lazer. O presente trabalho se propõe a analisar como os limites e possibilidades desta abordagem se apresentam no caso dos trabalhadores na colheita manual de cana-de-açúcar, como subsídio para projeto de pesquisa a ser desenvolvido de 2010 até 2012. Analisaremos, portanto, as determinações que incidem sobre as relações de produção neste caso específico, bem como o reflexo delas na subjetividade destes trabalhadores. Serão encaradas, sob o ponto de vista das oportunidades e obstáculos que decorrem daí para uma ação pedagógica, voltada para a potencialização da capacidade de os mesmos se situarem como sujeitos dos processos sócio-políticos que envolvem suas atividades.

## Introdução

O presente artigo se propõe a desenvolver reflexões sobre as relações que se estabelecem, na perspectiva do lazer e da cultura, a partir da situação do trabalhador rural assalariado no corte manual de cana de açúcar. O desenvolvimento pleno do trabalhador perpassa não apenas a condição estabelecida pela esfera material, mas abrange necessidades outras, inclusive no plano simbólico (ou “espiritual”), nos quais se localizam aspectos relacionados ao lazer e à cultura. Trabalho, lazer e cultura, material/simbólico, estrutura e superestrutura são categorias de análise que deverão ser aprofundadas no decorrer do curso de mestrado e apresentada pela pesquisadora no formato de dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UNESP-Franca/SP. Serão enfocados na pesquisa questionamentos sobre o trabalho cotidiano e o lazer cultural disponíveis aos trabalhadores dos municípios de Franca, Batatais e Patrocínio Paulista, situados a noroeste do Estado de São Paulo, conhecidas como

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UNESP-Franca.

<sup>2</sup> Profº Doutor aposentado pela UNESP-Franca.

regiões em que se realiza a exploração de cana-de-açúcar em grande escala, intensificadas graças ao incremento promovido pelo agronegócio.<sup>3</sup>

No âmbito metodológico, além de fontes bibliográficas e documentais para a compreensão dessa complexa realidade, essa pesquisa abarca investigação de campo, que pretende localizar sujeitos envolvidos no corte manual da cana de açúcar nos municípios acima citados. Para tal definição territorial, utiliza-se a classificação estabelecida pela Política Nacional de Assistência Social (2004), cujo sistema classifica as cidades considerando suas populações. A primeira cidade conta hoje com 330.938 habitantes, o que a situa como município de grande porte (população entre 100.001 a 900.000); o segundo município com 52.749 habitantes é considerado município de médio porte (com população entre 50.001 a 100.000) e o terceiro, computados 12.673 habitantes, classifica-se como de pequeno porte I (população até 20.000) <sup>4</sup>

Esta classificação territorial constitui parâmetro relevante na pesquisa, uma vez que corresponde a diferentes padrões de acesso a bens e serviços, inclusive no que diz respeito à existência de projetos e recursos materiais voltados ao lazer e ao fomento cultural.

Operar-se-á através de entrevistas semi-estruturadas e, a partir do sistema de gravação, baseando-se na história oral. Estas serão transcritas para que, a luz do referencial teórico marxiano sejam analisadas, embasamento este considerado por nós como o mais apropriado na construção de conhecimentos, abarcando a categoria trabalho-lazer, tal como o proposto pela pesquisa. Para tanto, na análise da categoria do lazer cultural, se faz imperiosa a observação crítica a respeito da construção da esfera da “identidade cultural”, quer dizer, no desenvolvimento cultural desses trabalhadores, ponderado o atual contexto em que o desemprego estrutural se manifesta como um fenômeno cada vez mais significativo na esfera psicológica dessa classe. A investigação sobre o processo de exploração em que sofre o trabalhador manual do setor canavieiro deve partir da perspectiva do desenvolvimento material e/ou simbólico, quer dizer, na acepção de um desenvolvimento que abarque a noção de “plenitude humana”, para além dos aspectos econômicos, isto é, compreendidos na instância assinalada pela emancipação política, econômica, e finalmente humana, genérica.

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa tem duração de 30 meses e será orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Santos Sant'Ana, Livre Docente pela FDHSS-UNESP-Franca/SP.

<sup>4</sup> Dados encontrados em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>, sítio visitado em 26 de Abril de 2010.

A importância dada ao caráter analítico da esfera cultural e do lazer advém da compreensão deste ser um espaço na vida cotidiana que contribui com a emancipação definida acima, numa ampliação do desenvolvimento nas relações de identidade que pode contrapor ao ideário individualista defendido pelo sistema neoliberal e globalizado, esfera esta que pode concentrar extraordinário potencial de resistência às formas de exploração impostas ao trabalhador rural, sendo a abordagem pelo ângulo do lazer considerada como metodologia de significativo impacto, sob tal ponto de vista.

Por seu lado, a relação coletiva estabelecida nesta esfera sugere ser propícia na criação de instrumentos e conhecimentos voltados para a oposição ao conformismo/alienação e, a não observância destas formas de opressão atinge, não apenas a organicidade do trabalhador enquanto coletividade, mas compromete inclusive sua sobrevivência, notadamente com relação à expressividade da sua cultura e de seu modo de representar-se no mundo do trabalho, isto é, na maneira de “identificar-se” socialmente. Espera-se contribuir, desta forma, com conhecimentos específicos referentes à realidade do cortador manual de cana de açúcar desta região e, a partir de aproximações da realidade cotidiana destes sujeitos, pretende-se colaborar no campo teórico com o Serviço Social e em sua intervenção, profissão esta que se debruça sobre as expressões da questão social, a fim de compreendê-la e de certa forma superá-la, ou pelo menos, na apreensão do funcionamento desta sociedade, poder subsidiar na criação de estratégias de sobrevivência àquela classe mais vulnerabilizada no âmbito do trabalho, considerando que esta categoria que tem seus conflitos intensificados pelo desenvolvimento do capital.

## **Desenvolvimento**

Propõe-se analisar, nesta pesquisa, a forma como se dá o trabalho assalariado no campo, seu desenvolvimento relacionado ao processo de modernização, no sentido de se poder alcançar uma adequada aproximação à realidade vivida pelos trabalhadores manuais envolvidos no corte da cana. Além da investigação concernente às condições possíveis de lazer cultural aí encontradas, cabe analisar neste ponto a problemática da intensividade da jornada de trabalho, bem como os aspectos relacionados à insalubridade cotidiana já verificada por pesquisas anteriores na disponibilidade do tempo livre voltado para o lazer cultural.

À primeira vista seria impossível pensar em espaço para o lazer nas condições verificadas. Entretanto, é preciso considerar que, por mais que se exija que a atividade

ocorra no sentido especificamente físico, a elaboração mental do lazer deve corresponder a essa atividade e estabelecer um traço fundamental de vivência dos sujeitos da pesquisa. A própria carência em si será um fator de maior relevância sob esta perspectiva.

A condição de vida em que o trabalhador manual do corte da cana-de-açúcar se encontra pode ser considerada como desumana no que concerne à exploração de sua força de trabalho, que empreendida a extremos, acaba por comprometer sua saúde física e psicológica. Existe ainda uma situação oposta estabelecida na contramão desta realidade, vivida por poucos indivíduos na sociedade, relacionados à perspectiva de viver sem trabalhar que, geralmente, está associada a preceitos sociais e jurídicos, como é o caso do direito de propriedade. Este direito, tendo uma significativa centralidade sobre seu posicionamento nos conflitos de classe, passa a situar como o centro do conflito e elemento fundamental na definição de cada classe.

Desta forma, ganha importância considerar o desenvolvimento capitalista na globalização, o *status* e estratégias de sobrevivência daquelas muitas famílias não-incluídas nesse sistema, que em sua tática de sobrevivência, incluem atividades que, por vezes, estão situadas à margem da lei, como a prostituição, o crime organizado, os jogos ilegais etc. Não se cogita a análise aprofundada desta problemática, sendo a intenção apenas situar a posição em que os trabalhadores assalariados rurais se encontram neste universo de relações, sendo marcante a relevância deste aspecto de modo a auxiliar na constituição de uma ajustada investigação social, quer dizer, com base na percepção da realidade concreta.

A intenção é a de oferecer subsídios para a compreensão da exploração do trabalho no corte da cana-de-açúcar e as alternativas de representação social, principalmente do lazer cultural, na avaliação de contraponto e crítica cultural referente a tal exploração sofrida no âmbito material. Esta esfera de representações será significativa na defesa do direito ao trabalho, terra, liberdade de expressão religiosa, cultural, opção sexual, entre outros aspectos. Também interfere na relação com aliados considerados históricos na busca de direitos, tal como os sindicatos, organização de estudantes, associações de trabalhadores, movimentos sociais urbanos e rurais.

É importante pontuar o desempenho destes atores sociais na alteração da cotidianidade de muitas dessas famílias, seja material e/ou “espiritualmente”, quer dizer, num plano mais universal. Outro aspecto primordial de abordagem presente neste tema está na análise de conjuntura, com seus aspectos micro e macro social para se obter uma

noção de totalidade da situação, isto é, incluindo os aspectos nacionais/internacionais e conexões estabelecidas entre o âmbito econômico e cultural, estabelecendo assim a análise dos planos estrutural e superestrutural na construção do bloco histórico, categorias estas definidas conforme a análise de MAGRONE, quanto ao pensamento gramsciano, da seguinte maneira:

O vínculo orgânico entre estrutura e superestrutura é o núcleo do conceito de bloco histórico, que enriquece a análise concreta das sociedades capitalistas complexas (...). A noção de bloco histórico pode ser definida como sendo uma situação histórica global, na qual uma classe fundamental, dominando uma estrutura social particular, desenvolve progressivamente uma superestrutura, onde os intelectuais que a representam, exercendo a direção política e cultural, vinculam organicamente estrutura e superestrutura, assegurando à referida classe fundamental homogeneidade e hegemonia sobre os demais grupos sociais.<sup>5</sup>

Deve-se considerar, aqui, que a utilização do tempo livre situa-se como recurso privilegiado no desenvolvimento do plano simbólico da cultura. É nesta perspectiva que deve ser entendida a proposição de HUIZINGA: “*A surpreendente semelhança que caracteriza os costumes agonísticos em todas as culturas talvez tenha seu exemplo mais impressionante no domínio do próprio espírito humano, quer dizer, no do conhecimento e da sabedoria*”<sup>6</sup>.

Convém pontuar, aqui, que desde a época em que se institucionaliza o direito à organização dos trabalhadores (1930) até a época atual, globalizada e neoliberal, a conjuntura do trabalho e o papel dos variados elementos que contribuem para esta forma de luta social, inclui a problemática do desemprego como elemento primordial na determinação dos fatores que estimulam ou inibem os processos de mobilização. Considerando o papel da crise do trabalho em geral, em sua objetividade e subjetividade, observa-se no contexto mais amplo a inserção não só da luta pela terra, mas de condições dignas de trabalho no meio rural, que na perspectiva da ameaça de desemprego que marca a conjuntura mundial, trazem implicações físicas e psicológicas ao trabalhador manual do corte de cana.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> MAGRONE, Eduardo. **Gramsci e a educação**: a renovação de uma agenda esquecida. *Cad. CEDES* [online]. 2006, vol.26, n.70, pp. 353-372. ISSN 0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32622006000300005. (p. 360)

<sup>6</sup> HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1971, p.119. O termo “agonístico” deve ser entendido, aqui, como indo além de “luta”, sua referência mais estrita, passando no contexto a abranger “jogo” e/ou “competição”.

<sup>7</sup> A última morte suspeita, detectada na semana passada pela Pastoral do Migrante, foi a de Natalino Gomes Sales, 51, registrada no último dia 28, em Batatais. Outras duas mortes ocorreram em junho e em julho deste ano em Guariba e Pradópolis. Os cortadores tinham 26 e 24 anos, respectivamente, e vinham

A sobrecarga de trabalho, aceita diante da ameaça do desemprego, acarreta a deterioração das condições de vida dos sujeitos. Este cenário se estabeleceu a partir do incremento de agroindústrias, comumente chamado de “agronegócio” e suas implicações nesse processo de desenvolvimento objetivo/subjetivo da classe trabalhadora rural se mostram de fundamental importância, nesta abordagem. Tem como consequência a necessidade de incorporar novas categorias de análise, além da esfera material, como essenciais na observância das relações e especificidades dos fenômenos societários (econômicos e culturais) implicados globalmente na atual fase do capitalismo.

Diante disto, o trabalho, compreendido como intervenção especializada do homem no meio físico para, a partir dos recursos da natureza, criar os bens necessários à manutenção de sua vida e à sua reprodução e da decorrente troca de bens produzidos entre os produtores especializados, é que temos a organização da vida social de forma especificamente humana, a partir desta especialização. No entanto esta operação se dá também mediada por variados instrumentos, que podem ser tanto de natureza material, acima descrita, como simbólica. Os instrumentos de natureza simbólica estabelecem tanto mediações sociais como com o mundo físico.

Assim, as linguagens apresentam-se como instrumentos privilegiados nas relações estabelecidas entre os parceiros nos processos de produção e troca. Dentre outras estruturas simbólicas que permitem o desenvolvimento de formas cada vez mais complexas e eficientes de transformação da natureza, tem-se a ciência, avaliando que esta, em seu processo de desenvolvimento, incorpora importantes componentes simbólicos, assim como a arte, o lazer e a cultura também desempenham extraordinário papel no âmbito desta questão.

Desta forma, a internalização das habilidades humanas objetivadas nestes instrumentos é um processo que sempre acompanhou a evolução sócio-cultural e que se intensificou sob o capitalismo, sejam os de referência ao meio físico, sejam os de controle simbólico. Esta internalização, que significa também a substituição de trabalho vivo por trabalho morto, tanto pode levar à diminuição da jornada de trabalho como ao desemprego estrutural. Na globalização capitalista, hegemônica ideologicamente pelo neoliberalismo, tem-se essencialmente o significado de domínio do capital, inclusive

sobre estes instrumentos. Com tal fato o resultado do progresso técnico só poderia resultar no desemprego estrutural e com relação a este último aspecto, o neoliberalismo e a globalização atingem de forma específica os Estados latino-americanos em suas políticas públicas.<sup>8</sup>

Percebe-se que devido a uma reestruturação produtiva imposta por países do primeiro mundo, que têm como objetivo as privatizações, a flexibilização das leis trabalhistas, as políticas fiscais e monetárias diretamente ligadas ao FMI, trazem desta reestruturação produtiva, o surgimento do novo proletariado, da mão-de-obra terceirizada, do trabalho desregulamentado, do surgimento dos trabalhadores volantes, dos chamados “bóias-frias”, dos sem terra, dos sem-teto, entre outros, o que constitui padrão das formações capitalistas periféricas, nesta conjuntura. Entretanto, para cada caso nacional devem ser consideradas as conseqüências das especificidades histórico-culturais presentes. Segundo Antunes (1995) ocorre

“(...) a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualidade externa da relação salarial.”<sup>9</sup>

Assim, devem ser analisadas as experiências de organização do trabalhador rural assalariado no contexto do capitalismo globalizado, observando que este favorece a relação homem/trabalho desequilibrada, o aumento da exclusão social e nesta análise sobre as relações de trabalho deverá ser inserida a problemática da superexploração deste, a fim de buscar novas saídas para a melhoria nas condições de trabalho e, em última instância, sua superação.

Os aspectos históricos, econômicos, culturais, políticos, mostram-se importantes para análises e críticas das conseqüências do capitalismo vigente, principalmente nos países em desenvolvimento como o Brasil, por exemplo, com suas especificidades, como decorrência de sua posição particular no plano da divisão internacional do trabalho. Nesta pesquisa, será analisado o desenvolvimento agrário no

---

<sup>8</sup> A título de esclarecimento, convém apenas observar a seguinte afirmação: “No plano econômico, o processo de globalização ganhou corpo a partir da década de 80, estabelecendo um novo patamar para a dinâmica capitalista e provocando uma reorganização nos espaços de produção (não apenas no setor industrial, onde seus efeitos são mais visíveis), mas também na agricultura e no setor de prestação de serviços. Na sua concepção mais ampla, globalização significa a integração de mercados a nível mundial e uma enorme intensificação dos fluxos comerciais e financeiros internacionais.” POCHMANN, Márcio. **O Emprego na Globalização**. A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo, Bontempo, 2001. (p, 87)

<sup>9</sup> ANTUNES, Ricardo. C. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Editora Cortez, Unicamp, São Paulo, 1995. (p, 44).

caso brasileiro, com uma contextualização crítica, com recorte dos anos 50, pós-guerra, 1964 e a ditadura militar, até a chamada “abertura política”. Esta última, que sem dúvida alterou de forma positiva a história com a democratização na escolha de governantes através de eleições, direito às greves, anistias aos presos políticos, a liberdade para organização e atuação de partidos políticos, movimentos sociais e o fim da censura.

Por outro lado, gravíssimos problemas foram herdados, manifestando-se principalmente nas alterações no mercado de trabalho, significando famílias vivendo abaixo da linha de pobreza, desempregadas, com condições de alimentação, moradia e infra-estrutura inadequadas, o acesso a bens e serviços precarizado. Especificamente com referência ao desenvolvimento no campo, segundo Delgado (2001) tem-se em meados da década de 1950 e princípios dos anos 60, o entendimento de que seria a partir da modernização que a agricultura teria condições de desempenhar papel importante no crescimento da economia brasileira, chegando a ser considerado empecilho ao desenvolvimento industrial no país o seu caráter arcaico de produção, que não abarcaria as necessidades econômicas e de desenvolvimento tecnológicos para o momento.<sup>10</sup>

Estes debates tornaram-se contrários para a elaboração de um projeto de desenvolvimento social e econômico agrário no Brasil, ampliando-se a sua repercussão, se traduzindo em abordagem que acabou por atingir o conjunto da sociedade brasileira. A partir daí, os debates passaram a se tornar mais evidentes para a população, na defesa de potencialização deste desenvolvimento, não apenas agrário, mas urbano industrial. Instaurou-se nos anos seguintes (1964-1984) a ditadura militar, em que a agricultura brasileira permaneceu dependente do desenvolvimento industrial urbano. Durante esses vinte anos de ditadura, segundo Sérgio Leite (1995), ocorreu grande valorização de terras que estavam voltadas para especulação, bem como a junção do capital industrial à agricultura, com fomento governamental para a produção no grande latifúndio, seja pela via de linhas de créditos oportunas, seja pela isenção de impostos, ou pela regularização de terras griladas. Também deve ser ressaltado o projeto governamental estabelecido pelo Proálcool (1975-1976) que incentivou a produção de cana-de-açúcar,

---

<sup>10</sup> DELGADO, Guilherme C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, 2001.

principalmente na região Sudeste do país, com o funcionamento de destilarias para a produção de combustíveis, incentivo este que se observa até os dias atuais.<sup>11</sup>

Após um processo de estabilização econômica mundial com a queda do valor do petróleo, os lucros desta produção passaram a oscilar e o incentivo governamental permaneceu através de linhas de créditos que pudessem suprir o possível prejuízo das usinas. Hoje se tem o agronegócio como o grande “carro-chefe” da economia brasileira, com sua imagem considerada positiva para alguns economistas no que se refere à ampliação de divisas para o país. Porém é visível e gritante a deterioração das relações de trabalho instauradas no campo, principalmente no que se refere à condição de vida do trabalhador envolvido no corte da cana-de-açúcar, tanto no âmbito econômico como no político e no cultural, tema que será tratado nesta pesquisa.

Assim, no intuito de compreender como se desenvolve o trabalho manual no corte da cana-de-açúcar e quais são as conseqüências desta exploração de trabalho para milhares de famílias, se coloca de maneira imprescindível a análise acerca de quem são estes trabalhadores, quais suas origens e expectativas com relação à sua sobrevivência e seu futuro. Buscam-se a partir de análises já realizadas por diversos pesquisadores que tratam desta temática, informações que possibilite conhecer a formação dessa classe. A princípio, pode-se observar nos estudos de Silva (2007), Martins (1991), Fernandes (2004), D’Incao (1978) entre outros, a constatação de que os trabalhadores envolvidos no corte da cana apresentam origem cultural distinta, sendo central a migração de trabalhadores de várias regiões para o Sudeste tendo sua força de trabalho superexplorada e suas condições de vida subumanas.

Estes em sua maioria são aqueles trabalhadores que, encontrando dificuldades em permanecer em regiões como o Norte-Nordeste e Centro-Oeste, procuram melhores condições de vida em regiões consideradas mais desenvolvidas economicamente, em especial a macro-região de Ribeirão Preto. É possível constatar uma parcela significativa destes que, pelo fato de não mais serem absorvidos pelo mercado de trabalho, por falta de opção para sua sobrevivência e a familiar, se submetem ao corte da cana. Segundo Silva (2007),

É necessário deixar claro que a migração, acredita-se, é um movimento determinado pela expulsão, isto é, os trabalhadores migram quando as condições de reprodução em seus locais de origem encontram-se comprometidas. Considera-se expulsão todo e qualquer

---

<sup>11</sup> LEITE, Sérgio P. Padrões de desenvolvimento e agricultura no Brasil: estatuto da terra, dinâmica agrária e modernização conservadora. **Reforma Agrária**, Campinas, v.25, n.1, p. 137- 152, jan./abr. 1995.

fenômeno social, econômico, étnico-racial, religioso, político, natural ou de gênero que comprometa, no sentido de impedir, as condições de reprodução do grupo social, colocando a busca por outro local como única alternativa para a sobrevivência. (...) Só há fluxos migratórios com outras direções, que não nas que o capital está concentrado e demandando força de trabalho, nos locais e situações onde há possibilidade de reprodução sem passar pela venda da força de trabalho, caso das áreas de mineração (corridas do ouro), áreas de colonização ou reforma agrária, correntes migratórias resultantes de guerras e conflitos étnico-raciais.<sup>12</sup>

A região Noroeste Paulista, Ribeirão Preto, Franca etc., têm seu desenvolvimento alicerçado na agroindústria voltada para a exportação de etanol, laranja, açúcar, café entre outras produções desenvolvidas a partir do incremento do agronegócio, quer dizer, tendo sua produção voltada para monocultura e exportação. Essas características se colocam de forma conflitante no âmbito social porque, por um lado, há a necessidade de emprego de mão-de-obra manual em larga escala na época da safra, tal como o corte manual da cana-de-açúcar e o problema desta forma de exploração de trabalho surge pelo fato dos trabalhadores serem obrigados a competir com a máquina para obterem as mínimas condições de sobrevivência, considerando seus baixos salários.

Na época da safra, é enorme o número de migrantes, que atravessam o país deixando suas famílias nas cidades de origem, na esperança de que, ao término da safra, tenham recursos suficientes para retornarem à sua cidade natal e que estes sejam suficientes para melhorar a condição de vida de sua família. No entanto, a superexploração de sua força de trabalho frustra suas expectativas, considerando além dos baixos salários, a insalubridade verificada nestes canaviais.<sup>13</sup>

Ainda outro fator fundamental de análise, além da questão do extremo esforço físico, refere-se ao âmbito de sua saúde psicológica, quando o trabalhador é obrigado a se submeter a uma realidade completamente diversa da que estava acostumado e longe

---

<sup>12</sup> SILVA, Maria. A. de M. **Migração de Trabalhadores Rurais do Maranhão e Piauí para o Corte de Cana em São Paulo:** será um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos, SP: Edufscar, 2007. (p, 47)

<sup>13</sup> “A imposição da média de 12 toneladas de cana colhidas por dia é uma forma de selecionar os trabalhadores, pois aqueles que não atingem o nível de 10 toneladas são dispensados. Os níveis de esforços exigidos para o corte da cana, somados à não reposição adequada de nutrientes e calorías perdidos no eito, e o não esclarecimento sobre o volume da produção diária do trabalhador, são o comprovante dos índices de superexploração e também do desrespeito aos direitos humanos do trabalho.” SILVA, Maria A. de M. **A Morte Ronda os Canaviais Paulistas.** In. *Reforma Agrária: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA*. Vol. 33 - nº 2. (p, p, 111-141), AGO/DEZ, 2006. (p, 129.)

de suas relações familiares, além da importância de se observar o âmbito cultural e de lazer diverso à história de vida desses sujeitos, de identificar-se com um grupo social. A impossibilidade de tempos/espços de lazer que estejam adequados à continuidade de sua formação político-cultural soma-se a complexidade e diversidade das formações culturais brasileiras, comprometendo-se assim a perspectiva de representação e auto-reconhecimento dos sujeitos no mundo do trabalho. Sobre a relação humana com o tempo livre, Marx afirma que

Com a preponderância sempre crescente da população urbana que amontoa em grandes centros, a produção capitalista acumula, por um lado, a força motriz histórica da sociedade, mas perturba, por outro lado, o metabolismo entre homem e terra, isto é, o retorno dos componentes da terra consumidos pelo homem, sob forma de alimentos e vestuário, à terra, portanto, a eterna condição natural de fertilidade permanente do solo. Com isso, ela destrói simultaneamente a saúde física dos trabalhadores urbanos e a vida espiritual dos trabalhadores rurais.<sup>14</sup>

As necessidades advindas do âmbito cultural e do lazer não são as mesmas considerando-se tanto as classes sociais, como os costumes regionais e a questão geracional, entre outros elementos que devem ser observados na análise da categoria cultura-lazer. Neste sentido, ressalta-se a problemática do lazer e da cultura numa perspectiva de formação e transformação político-crítica, já que os sujeitos estabelecem “visões de homem-mundo”, em seu tempo livre, quer dizer, naqueles momentos do “não-trabalho”. Este termo é aqui empregado entre aspas por se caracterizar pelo distanciamento do espaço físico de trabalho, e não com relação ao tempo livre propriamente dito, já que em sua maioria, são momentos utilizados para a recomposição e descanso físico para a jornada de trabalho seguinte, sendo, portanto este tempo “recuperado” pelo espaço do trabalho, considerado, desta forma, tempo de trabalho.

O tempo/espço de lazer aparece analisado em diferentes perspectivas, sendo destacadas duas vertentes principais. De um lado temos a perspectiva funcionalista, privilegiando a compatibilização da reposição de energias com a manutenção do esquema sócio-cultural dominante. Por outro lado, coloca-se a perspectiva do lazer como espaço para a viabilização de uma intervenção transformadora, crítica. No primeiro caso, podemos citar o teórico francês Dumazedier (1978) que analisa a possibilidade do lazer segundo uma aquisição da classe trabalhadora no confronto entre

---

<sup>14</sup> MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Tomo II Coord e Ver. Paul Singer. Trad. Regis Barbosa; Flávio R. Kothe. Ed. Nova Cultural, São Paulo, 1996. (Col. Os Pensadores) (p, 132)

capital e trabalho, diminuindo assim a jornada de trabalho. Afirma ser ainda o lazer um tempo livre em que o trabalhador pode “entregar-se de livre vontade” a alguma atividade “desinteressada” ou simplesmente “repousar”.<sup>15</sup>

No contexto proposto nesta análise, a “opção” não pode ser avaliada como pertencente ao cotidiano do trabalhador, principalmente no caso do cortador de cana. Interessante comparar a terminologia “entregar-se de livre vontade” com a concepção de “sentido” para tal ação, já que por mais que esta seja livre, precisa haver algum “sentido” nesta opção e a este respeito, Antunes (2003) afirma que “*uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho.*”<sup>16</sup>

Alguns estudiosos trazem em sua análise sobre o lazer uma matriz ainda mais conservadora, que considera os tempos livres, quer dizer, do não-trabalho como algo pernicioso a vida em comunidade, abordando o tema a partir de percepções como vadiagem, entre outras. Ainda Dumazedier, citando outro autor (Wallon), aponta uma comparação do tempo de lazer ao jogo de azar, considerando que, tal como “*O jogo é, sem dúvida, uma infração às disciplinas e tarefas, o homem pela necessidade de sua existência, da preocupação com sua situação e pessoa, mas em lugar de negá-las, ele as reafirma.*”<sup>17</sup>

A abordagem à qual nos associamos, ao contrário da visão funcionalista, considera que o tempo de lazer é um momento no qual os sujeitos formam-se e transformam-se se identificando enquanto classe e fortalecendo-se no sentido de pensar, analisar e propor mudanças significativas em seu cotidiano, seja na perspectiva de resistência, seja na de percepção de si enquanto sujeito coletivo, e não enquanto “apenas” mais um indivíduo no mundo do trabalho.<sup>18</sup> Esta é a diferenciada abordagem sobre o tema encontrada nos estudos realizados por Padilha (2006), que faz uma análise sobre o tempo livre na sociedade capitalista numa perspectiva transformadora.

---

<sup>15</sup> DUMAZZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 34.

<sup>16</sup> ANTUNES, Ricardo C. Tempo de Trabalho e Tempo Livre: algumas teses para discussão. In: **Os Sentidos do Trabalho**: por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003, (p. 175)

<sup>17</sup> DUMAZZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. (p. 32)

<sup>18</sup> MASCARENHAS, Fernando. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, Valquíria. (org.) **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. Segundo Mascarenhas (2006):[...] Se o sujeito particular não percebe conscientemente o caráter prático-material do lazer, enxergado-o apenas como algo *desinteressado*, isto não significa que sua leitura corresponda à verdade. Para além da esfera subjetiva, olhando para sua dimensão objetiva, o lazer revela-se como um fenômeno por demais *interessado*, altamente servil às demandas emanadas a partir do sistema de metabolismo social estruturado pelo capital (P. 19)

Quando trazemos o debate sobre lazer cultural e tempo livre disponíveis aos trabalhadores envolvidos no corte manual da cana, nos deparamos com a seguinte realidade: o desrespeito a todas as esferas que envolvem o desenvolvimento humano seja ela a física ou a “espiritual” é instaurada. Assim, a observação fundamental para as análises aqui propostas refere-se à crise encontrada no “mundo do trabalho” e seus rebatimentos no desenvolvimento do lazer.

Segundo pesquisa de livre docência realizada por Sant’Ana (2009), quanto à relação desses trabalhadores com o lazer é verificado nas falas de seus sujeitos, a afirmação mais recorrente de que o tempo livre disponível é utilizado para o descanso do corpo para a retomada da estafante jornada de trabalho, enquanto apenas alguns afirmaram que neste tempo livre assistem televisão, ouvem música, vão a praças com as crianças (quando próximas à suas moradias) ou freqüentam as igrejas.<sup>19</sup> No plano “espiritual” ou psicológico, esses trabalhadores têm seu tempo-espaço de lazer completamente comprometido com a questão do trabalho, o que resulta numa séria alteração também em sua dimensão cultural.

Esta dimensão é definida por Santos (1994) a partir de uma relação dúplice: “*A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social: a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo*”. Desta forma, se faz necessária a apreensão destes trabalhadores relacionada ao tempo livre inseridos nessa “nova” cotidianidade. Podemos afirmar que as perspectivas de lazer cultural são muito limitadas nesse cotidiano, e quando se efetivam, se dão aos finais de semana, seja no contato com os amigos e vizinhos, seja no tempo dispensado aos programas televisivos ou de rádio, ou em equipamentos de lazer muitas vezes precários existente nas periferias dos municípios.

Por um lado, pelo seu acesso facilitado, os meios de comunicação de massa se colocam como uma das formas mais notadas de ocupação do tempo livre. Por outro, estes podem limitar seu desenvolvimento cultural e de criação de identidade, devida a imensa “carga ideológica” propagandeada pelo capital para a criação e satisfação de novas necessidades caracterizadas pelo consumismo. Inspiração esta que não se

---

<sup>19</sup> SANT’ANA, Raquel. **Trabalhar é preciso, viver não é preciso: a desumanização do trabalho no corte da cana-de-açúcar e o Serviço Social**. Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Livre-Docente no Departamento de Serviço Social, no conjunto de disciplina Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Serviço Social. 2009. (p, 113-114)

manifesta como algo “contemporâneo”, mas sim como uma das formas de reprodução do capital, além da acumulação deste advinda da mais-valia. Segundo Marx:

“(...) os salários reais podem elevar-se e continuar abaixo do valor da força de trabalho, uma vez que este valor se tenha acrescido por motivo dos maiores gastos na formação da força de trabalho, das exigências mais complexas do processo de produção, da *criação* de *novas necessidades* materiais e *culturais*.”<sup>20</sup>

A chamada “espetacularização” e a “propaganda consumista” condicionam toda a classe trabalhadora a valorizar a questão da “aparência” e não da “essência”, já que possuir bens se torna mais importante do que se sentir “sujeito coletivo”. A identificação, neste aspecto, se torna questionável considerando o processo de “desenraizamento” sofrido por estes trabalhadores, além do fato destes terem “expectativas” criadas pelo capitalismo que estão para além de sua própria reprodução social, condicionando as condições objetivas sobre as quais se desenvolvem as práticas e a formação cultural para a vivência do tempo livre no universo do trabalho. Podemos afirmar que para a “classe que vive do trabalho” o lazer e o trabalho são antagônicos assim como o “inverno” e o “verão”.

Logo, as potencialidades que poderiam ser desenvolvidas neste “tempo livre” são igualmente alienadas, tal como a relação estabelecida na sua atividade cotidiana nos tempos gastos com o trabalho. A estratégia do sistema capitalista é a de controlar os sujeitos em todas as esferas de sua vida, incluindo a do lazer cultural, alienando-os tal como nas relações de trabalho, sendo impossível vislumbrar uma emancipação político-econômica e menos ainda uma emancipação humana na atual conjuntura do desenvolvimento capitalista. A Emancipação Humana, ao ser divisado, tal ideal se vincula diretamente à possibilidade de maior tempo de não-trabalho, e diante disso, trata-se de estabelecer a superação da necessidade de tempo livre e de lazer, considerando o trabalho e o tempo gasto para com este numa relação oposta, de tempo para o desenvolvimento de potencialidade humanas diversas, num tempo de lazer cultural não fetichista e alienado, quer dizer, não mercadológico. Nesse cenário, mostra-se fundamental analisar as categorias “liberdade” e “necessidade”.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Vol. 1 Livro 1. Tomo 1. O processo de produção do capital. Ed. Nova Cultural: São Paulo, 1996. (p. 43). (Col. Os Economistas). **Grifo nosso**

<sup>21</sup> Segundo Lukács, “Na enorme maioria das vezes, a síntese dos atos singulares em tendência históricas genéricas impulsiona a humanidade para patamares superiores de sociabilidade. Contudo, isso nem sempre ocorre. Em dadas situações históricas, mediações e complexos sociais, mesmo que anteriormente tenham impulsionado o desenvolvimento sócio-genérico, podem passar a exercer um papel inverso, freando ou dificultando o desenvolvimento humano.” LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. (p. 54)

Ao analisar o aspecto do lazer e do tempo livre de maneira mais geral, há que se considerar que a vida dos trabalhadores está indissociada da sua reprodução e, portanto, do mundo do trabalho. Por outro lado, as pesquisas direcionadas à compreensão da categoria lazer e tempo livre são limitadas. Nesta afirmação, o primeiro questionamento se dá pelo fato da ideologia hegemônica instaurada no capitalismo, considerar a defesa do trabalho árduo e contínuo como um imperativo<sup>22</sup>. Faz-se necessário, neste ponto, notar certa “glorificação do trabalho” no sentido, não apenas da reprodução social. Esta aparece também na obtenção de mercadorias e, em última instância, de riquezas, ainda podendo ser percebido pelo fato de o indivíduo ser avaliado “produtivo socialmente”, ou não, segundo sua ocupação no mercado de trabalho, e decorrentemente, de acordo com seu “padrão” de consumo material ou mesmo vinculado a determinado “padrão” de consumo cultural.

Neste sentido, além da criação de necessidades, não apenas materiais como “espirituais”, citadas no tópico acima, e a “supervalorização do trabalho” é que será analisado os conceitos de alienação e reificação. Estas categorias são abordadas por Marx em sua relação com a mercadoria, mas a partir do momento em que se criam necessidades mercadológicas no âmbito “espiritual” esta análise deve ser ampliada para a esfera do lazer cultural. Considerada de maneira ampla, a categoria lazer tem sua pertinência estabelecida pelo resgate da dimensão livre e criativa da ação humana, possível de ser estabelecida quando o progresso técnico permite remeter a necessidade material para o plano do trabalho morto.

Entretanto, na medida em que a instrumentalização da técnica favorece o capital, o caráter emancipador que o processo poderia ter é bloqueado, tornando-se fator de dominação o que poderia ser fator de liberdade, e por isso são centrais a alienação e a reificação. A alienação se dá na medida em que o papel de sujeito do trabalhador lhe é interdito e ocultado, seja com relação ao trabalho, seja com relação ao produto. A reificação é o retorno destas relações alienadas sobre o trabalhador, na forma de “coisas” que lhe são externas e estranhas, que o dominam, quando antes podiam e deviam ser por ele dominadas. O resgate da atividade livre, crescendo e transformando o espaço de trabalho se apresenta, portanto, como uma alternativa privilegiada de humanização. O papel paradoxal do desenvolvimento do capital, como criador do

---

<sup>22</sup> A este respeito deve-se notar que em sua fase revolucionária a burguesia era relativamente coerente com o caráter socialmente universal deste imperativo. Entretanto, na fase de sua decadência ideológica, é claro que este imperativo só é apontado com rigor para os operários.

progresso técnico que viabiliza materialmente um mundo emancipado é ao mesmo tempo o maior inimigo deste novo mundo.<sup>23</sup>

Às teorias funcionalistas do lazer é fundamental antepor o caráter de impossibilidade de que se reveste qualquer perspectiva de “livre escolha”, no âmbito da sociedade burguesa. Portanto, entender a diferenciação entre os conceitos de emancipação política e emancipação humana se coloca como essencial nas análises aqui propostas. O primeiro significa o grau máximo que os sujeitos podem conquistar no sistema atual, mas não significa que tenha a abrangência da emancipação humana. Em sua obra *Dezoito Brumário*, Marx afirma que: “*Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos*”.<sup>24</sup> Assim, apenas a afirmação do papel de “ser sujeito” do trabalhador poderá permitir que os frutos do progresso técnico venham a ser fatores da civilização e não de barbárie. Entretanto, para o trabalhador conquistar tal emancipação humana, esta se efetivaria a partir do momento em que fosse possível superar o sistema capitalista, e desta maneira, a superação de si mesmo. A emancipação humana só pode realizar-se com a superação do modo de produção baseado na dominação de classe e das relações sociais que decorrem diretamente dela. A alienação e a reificação são tanto produto como alimentadores de uma vida social marcada pela divisão do trabalho, a propriedade privada e a acumulação de riquezas. A forma como o processo social caracterizado por estas relações se reflete no cotidiano do trabalhador, inclusive no âmbito do lazer, da domesticidade e na criação e re-criação da cultura torna uma exigência teórica considerar categorias como aparência-essência e singularidade-particularidade-universalidade para escapar às formas simplistas e fetichizadas de compreensão destas realidades. Na perspectiva apontada por Lukács a construção do sujeito depende de que as contradições entre individual e social sejam abordadas com base numa ampliação da percepção da concretude das relações sociais e da demanda e possibilidade do reconhecimento das necessidades genéricas. Trata-se de uma consideração que, antes de mais nada, supõe a

---

<sup>23</sup> “Por isso, não é de estranhar que, no início da evolução capitalista, ainda se descortinasse, por vezes de uma maneira relativamente clara, o caráter pessoal das relações econômicas; mas, quanto mais a evolução progredia, mais complicadas e mediatizadas surgiam as formas, mais raro e difícil se ia tornando rasgar o véu da reificação.” LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos de dialética marxista. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2º Edição, Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989. (p. 100)

<sup>24</sup> MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 6ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (p.21) Grifo nosso.

admissão do pressuposto de que o estar no mundo se constitui a partir de uma ideologia.<sup>25</sup> Assume-se que não é apenas a “tomada de partido”, conscientemente estabelecida que define a ideologia. Ela é decorrência de uma vivência social concreta, orientada pelos interesses dos indivíduos e grupos em presença mútua, que os levam a aliar-se ou contrapor-se uns aos outros. A luta de classes se apresenta como um dado objetivo, eventualmente não-subjetivizado, que é construído a cada passo, processo para cujo entendimento a abordagem de MÉSZÁROS<sup>26</sup> sobre a vertente mistificadora da ideologia constitui subsídio oportuno:

(...) se as causas identificáveis de mistificação ideológica fossem primariamente ideológicas, elas poderiam ser contrapostas e revertidas na esfera da própria ideologia. (...) o impacto maciço da ideologia dominante na vida social como um todo só pode ser apreendido em termos da profunda *afinidade estrutural* existente entre as mistificações e inversões práticas, por um lado, e suas conceituações intelectuais ideológicas, por outro.

Pode-se reportar, seguindo a orientação dada acima que o dinheiro se coloca como o fetiche maior desta cultura, pois este ilude os indivíduos na possibilidade de conseguirem “coisas fantásticas”, “conquistas fabulosas”. Na realidade, o dinheiro possibilita uma única coisa: a aquisição de mercadorias, que hoje, como no passado, deveriam, mas não são considerados apenas “objetos” que “atendem” as necessidades do homem, perdendo-se de vista a idéia de que somente seres humanos podem realizar mudanças e a transformação do mundo. Portanto, a transferência dessa capacidade às mercadorias é uma maneira “mágica” de considerar a realidade, “enfeitiçando” o modo de se perceber o mundo e o homem, invertendo desta forma, a premissa de que apenas o homem como “sujeito histórico” pode efetivar tais transformações e, neste contexto, os “objetos” são apenas instrumentos que devem por ele ser utilizados para tal finalidade.

Em suma, é preciso superar a sociedade que converte a tudo e a todos em mercadorias, inclusive a identificação na esfera cultural ao se pretender conquistar uma relação entre lazer e cultura humanizadora. Para isso, não se poderá subordinar a ação ao contexto sócio-político atual decorrente do exposto acima e, da mesma forma, apontar para a superação de uma emancipação econômica, política para a tão sonhada

---

<sup>25</sup> LUKÀCS, Georg. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**, em: *Revista Temas de Ciências Humanas*, número 04. São Paulo, SP. Editora Ciências Humanas LTDA. 1978. (p. 04-05)

<sup>26</sup> MÉSZÁROS, Istvan. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004. (p. 479)

emancipação humana, categorias que se pretende analisar na pesquisa ora proposta. Deve-se contemplar, por um lado, o estabelecimento de um tempo-espaço realmente livre que, aqui e agora, mostra-se impossível e inalcançável, sendo apenas atendidos objetivos parciais, limitados e imediatos, mas que, por outro lado, permitem avançar numa construção coletiva rumo à transformação dos caracteres econômicos e sócio-culturais, a partir de percepções que apontem para o fomento de reivindicações vinculadas ao lazer e à edificação de uma “nova” identidade cultural, própria da classe trabalhadora, inclusive a rural assalariada.

Com relação à execução da pesquisa de campo, serão respeitadas as seguintes etapas metodológicas:

a) Inicialmente, serão realizados contatos com sindicatos e organizações que trabalham diretamente com os trabalhadores envolvidos no corte manual da cana-de-açúcar nos municípios de Franca, Batatais e Patrocínio Paulista. Os sujeitos da pesquisa serão aqueles trabalhadores que estejam diretamente envolvidos com o trabalho organizado pelas indústrias canavieiras e, a partir daí, procurar-se-á investigar as condições de acesso aos espaços voltados para atividades de lazer cultural, isto é, serão pesquisadas as condições desses sujeitos de serem representados em seus anseios culturais e de lazer, com vistas ao desenvolvimento pleno de suas capacidades e conseqüentemente, da criação de uma identidade coletiva.

b). Com a definição dos sujeitos da pesquisa, serão realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado, através do recurso de gravação e, numa fase posterior, serão feitas transcrições para análise dos depoimentos colhidos. Sobre esta técnica de coleta de dados, Queiroz (1991) afirma que: “*A opção pelo gravador como instrumento, se dá pela necessidade de “captar adequadamente a fala do informante”*”.<sup>27</sup>

A intenção desta pesquisa é a de oferecer contribuições para o debate sobre a participação e representatividade do trabalhador rural assalariado na ótica do desenvolvimento do lazer cultural, compreender quais alternativas de tempos e espaços são encontradas nessas famílias para a atividade cultural e quais são as reais potencialidades para uma organização e interação desses sujeitos na construção de uma coletividade. Apenas após a coleta de todos os dados é que se poderão estabelecer as

---

<sup>27</sup>. QUEIROZ, Maria I. **Varição sobre Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: Ed. Queiroz, 1991. (p. 27)

principais categorias a serem examinadas. Assim, as categorias serão estabelecidas a *posteriori*, considerando a realidade dinâmica em que os sujeitos estão envolvidos. Segundo Cordioli (2009):

(...) o objetivo do investigador, é recuperar este movimento, mostrando o acontecimento histórico como algo que não é estático ou unidimensional, pois todo acontecimento é resultante de um nexos de articulação tais como desenvolvimentos, desigualdades, disparidades e recomeços - um processo que se constrói numa dimensão temporal.<sup>28</sup>

Nesta perspectiva, este trabalho procura estabelecer quais os elementos sócio-políticos e pedagógicos advindos da classe trabalhadora rural, além da compreensão dos problemas e das capacidades desenvolvidas por essa classe, a maneira como estes espaços de lazer cultural se constituem como avanços na condição de vida dessas famílias, tanto no desenvolvimento da questão material da produção, como no sentido subjetivo, em sua representação cultural e aspirações subjetivas.

### **Considerações Finais**

Este artigo teve como finalidade esboçar as relações entre trabalho e lazer estabelecidas pelos trabalhadores rurais envolvidos no corte manual da cana-de-açúcar. A pesquisa se encontra no início e tem como objetivo compreender as realidades dos trabalhadores rurais dos municípios de Franca, Batatais e Patrocínio Paulista, trabalho que deverá ser apresentado em formato de dissertação para obtenção de título de mestre em Serviço Social ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social pela UNESP\_Franca/SP

Consideramos o conjunto das abordagens sobre o lazer cultural compreendido conforme duas delimitações temáticas: de um lado uma que ressalta o caráter de situação no tempo livre, no não-trabalho e por outro, a que agrega a exigência do aspecto da forma prazerosa como se dá a atividade, como determinante essencial. De qualquer forma a avaliação do lazer remete-se inteiramente para a relação com o trabalho. O que estabelecerá diferenciais será assumir o conceito de trabalho nos limites da formação social capitalista ou contemplar a superação desses limites. É pela superação da alienação e da reificação do trabalho, do trabalhador e do produto do trabalho que a contradição entre liberdade e trabalho se realizará. As próprias noções de tempo de trabalho e tempo livre serão ultrapassadas, pelo fim do regime de propriedade privada e suas necessárias relações de dominação.

---

<sup>28</sup> CORDIOLLI, Marcos. **Apontamentos sobre o Método Dialético em Marx**. Curitiba: Ed. A Casa de Astéion, 2009. (P, 17)

Deve-se considerar que esta maneira de encarar as relações sociais se dramatizou na vigência da globalização capitalista, embasada pelo neoliberalismo. Sua análise, neste projeto, pretende contribuir para um maior entendimento das transformações no mundo do trabalho e das relações objetivo-subjetivas encontradas na classe trabalhadora rural assalariada. Parte-se da concepção de que a resposta para a pergunta sobre se o trabalho pode ser lazer é: pode, desde que seja livre, quer dizer, não-alienado. Neste sentido, segundo MÉSZÁROS:

O aspecto paradoxal do nosso ambiente social é que somos simultaneamente seus “atores” e, sem nenhuma cerimônia – como resultado da alienação e da reificação – seus sujeitos dominados. Desse modo, a questão da escolha humana é inseparável de um exame crítico das condições sob as quais os homens se transformam em meros instrumentos para a realização de objetivos sociais reificados. Conseqüentemente, enquanto a suposição de que as instituições sociais prevaletentes possam ser “consideradas como simplesmente dadas “persistir como a premissa fundamental da “ciência social”, o problema da escolha humana em si – e não apenas como uma “ilusão aparente”.<sup>29</sup>

Quanto a cultura poder ser lazer a resposta também decorre do mesmo raciocínio: quando forem atividades livres, aí podem se estabelecer como prazerosas. O artista ou profissional na área da cultura estão produzindo um trabalho alienado quando produzem para vender e, inversamente, quando fazem estas mesmas atividades por prazer, trata-se então de atividades de lazer. Contudo, geralmente não se atenta que o caráter livre do lazer não ocorre sem que seja livre a consciência dos sujeitos. Aí temos que a orientação cultural da atividade de lazer pode estar voltada para uma percepção crítica ou alienada do mundo, segundo a orientação de classe que se torna hegemônica. Quando ocorre o que poderíamos chamar de lazer alienado, temos o domínio do reino da mercadoria. Com relação à mercadoria, também estabelecida no âmbito cultural, seu valor de uso e de troca, Marx afirma que:

A antítese, imanente à mercadoria, entre valor de uso e valor, de trabalho privado, que ao mesmo tempo tem de representar-se como trabalho diretamente social, de trabalho concreto particular, que ao mesmo tempo funciona apenas como trabalho geral abstrato, de personificação da coisa e reificação das pessoas — essa contradição imanente assume nas antíteses da metamorfose das mercadorias suas formas desenvolvidas de movimentos.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> MÉSZÁROS, István. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**: ensaios de negação e afirmação. (Trad. Laboratório de tradução do CENEX/FACE/UFMG) São Paulo. Editora Ensaio, 1993. (p. 40-41)

<sup>30</sup> MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Vol. 1 Livro 1. Tomo 1. O processo de produção do capital. Ed. Nova Cultural: São Paulo, 1996. (p. 236). (Col. Os Economistas).

A possibilidade de as sujeitos se educarem por meio do lazer, pode ser possível desde que haja o desenvolvimento de uma instrução crítica e não de uma formação cultural na forma alienada. Será presumível e até mesmo forçoso visualizar, porém, que a formação organizada poderá ser crítica ou alienada (ver discussão a este respeito, acima) e neste caso, a questão de a cultura poder ser uma mercadoria é fundamental, sendo importante anotar que nas relações capitalistas vigentes se deve lutar pelo reconhecimento do direito de os sujeitos utilizarem inclusive sua produção cultural para assegurarem sua própria identidade, como tarefa transformadora.

Ao término desta investigação, acredita-se poder contribuir para o debate sobre a necessidade do lazer e da cultura entre os trabalhadores cortadores de cana, bem como a participação e representatividade dessa classe na criação de identidades. Neste sentido, objetiva-se abordar as seguintes temáticas: (a) o lazer e suas características pedagógicas quanto à integração de classe; (b) a percepção das famílias sobre a impositiva necessidade do lazer e (c) a partir da relação teórico-prática, quais as disponibilidades de desenvolvimento do lazer relacionado ao seu potencial pedagógico-político em correspondência aos sujeitos e pesquisados.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. C. Tempo de Trabalho e Tempo Livre: algumas teses para discussão. In: **Os Sentidos do Trabalho**: por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003

\_\_\_\_\_. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Editora Cortez, Unicamp, São Paulo, 1995.

CORDIOLLI, Marcos. **Apontamentos sobre o Método Dialético em Marx**. Curitiba: Ed. A Casa de Astérion, 2009.

DELGADO, Guilherme C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, 2001.

DUMAZZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1971.

LEITE, Sérgio P. Padrões de desenvolvimento e agricultura no Brasil: estatuto da terra, dinâmica agrária e modernização conservadora. **Reforma Agrária**. Campinas, v.25, n.1, p. 137- 152, jan./abr. 1995.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos de dialética marxista. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2º Edição, Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social**: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MAGRONE, Eduardo. **Gramsci e a educação**: a renovação de uma agenda esquecida. *Cad. CEDES* [online]. 2006, vol.26, n.70, pp. 353-372. ISSN 0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32622006000300005.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Tomo II Coord e Ver. Paul Singer. Trad. Regis Barbosa; Flávio R. Kothe. Ed. Nova Cultural, São Paulo, 1996. (Col. Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Vol. 1 Livro 1. Tomo 1. O processo de produção do capital. Ed. Nova Cultural: São Paulo, 1996. (Col. Os Economistas).

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelman**. 6ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MASCARENHAS, Fernando. **Em busca do ócio perdido**: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, V. (org.) **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**: ensaios de negação e afirmação. (Trad. Laboratório de tradução do CENEX/FACE/UFMG) São Paulo. Editora Ensaio, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

POCHMANN, Márcio. **O Emprego na Globalização**. A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo, Bontempo, 2001.

QUEIROZ, Maria I. **Variação sobre Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: Ed. Queiroz, 1991.

SANT'ANA, Raquel. **Trabalhar é preciso, viver não é preciso: a desumanização do trabalho no corte da cana-de-açúcar e o Serviço Social**. Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" para obtenção do título de Livre-Docente no Departamento de Serviço Social, no conjunto de disciplina Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Serviço Social. 2009.

SILVA, Maria. A. de M. **A Morte Ronda os Canaviais Paulistas**. In. Reforma Agrária: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA. Vol. 33 - nº 2. AGO/DEZ, 2006.

**Migração de Trabalhadores Rurais do Maranhão e Piauí para o Corte de Cana em São Paulo:** será um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos, SP: Edufscar, 2007.

**Sítios Pesquisados:**

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>

[http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=550:a-aplicabilidade-das-normas-regulamentadoras-nas-relacoes-de-trabalho-no-campo&catid=40:artigos&Itemid=132](http://www.pastoraldomigrante.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=550:a-aplicabilidade-das-normas-regulamentadoras-nas-relacoes-de-trabalho-no-campo&catid=40:artigos&Itemid=132)